Direito à migração senta-se à mesa com comunidade académica

acabra.pt/2019/12/direito-a-migracao-senta-se-a-mesa-com-comunidade-academica

By Jornal A Cabra

12 de dezembro de 2019

acabra
JORNAL UNIVERSITÁRIO DE COIMBRA

Joana Carvalho

Sessões promovidas pelo CES terminam em outubro com 'workshop'. Investigadoras apontam sistema de fronteiras como "violento para com os migrantes". Por Joana Carvalho

Fronteiras e migrações foram as palavras-chave para o novo ciclo de debates iniciado hoje pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES). A mesa redonda contou com a participação de

investigadores de diversas áreas de estudo do centro. Esta sessão surge no contexto da celebração de mais um aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Fátima Velez de Castro, professora assistente na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, foi moderadora do debate. Uma das organizadoras foi Gaia Giuliani, socióloga e investigadora do CES que encabeça a iniciativa 'De-othering'. O projeto é um dos colaboradores deste ciclo de encontros, que se centra no "estudo do direito à migração, que é um direito humano", segundo a socióloga .

Gaia Giuliani iniciou a sessão a expor que "as fronteiras não podem ser separadas de nós mesmos". Comparou também este espaço a um lugar de espera ou de fuga. A socióloga referiu também que as fronteiras "não são imparciais, no que diz respeito à raça, religião, género e sexualidade". Explicou inclusive que "a crise migratória que a Europa tem sido alvo não é sobre os migrantes, mas sim sobre a identidade europeia".

A oradora seguinte foi Carla Panico, também membro do CES, que explicou que "não vemos a fronteira, porque esta não existe em forma física". A investigadora defendeu que "ninguém nasce clandestino, nem refugiado ou migrante económico" e ilustra a fronteira como "um espaço político violento radical onde se constrói e se filtra as identidades". A terceira e última interveniente foi Irina Velicu, que referiu que "faz mais sentido ver a fronteira não só como um lugar físico, mas também empírico".

Gaia Giuliani relaciona "a falta de trabalho académico em Portugal sobre este assunto à relação do país com as migrações nos últimos 50 anos". A investigadora explica que "tal se deve ao facto de a história da migração de Portugal ser sobretudo uma emigração das ex-colónias, muito diferente da que se deu em outros países europeus". A oradora refere também que a perspetiva que defende é uma "crítica ao regime da fronteira implementado no presente".

Do ponto de vista da socióloga “as fronteiras nunca vão desaparecer”. No entanto, aponta para o facto de estas serem um lugar de resistência, “onde as relações de poder se materializam”. Para as fronteiras serem abolidas, de acordo com Gaia Giuliani, “era necessário mudar o sistema que as produz”.

A investigadora do CES reitera também que este conceito nasce de muitos sistemas, um dos quais “a desigualdade e as formas de exploração humana”. “A abolição de fronteiras é um pouco utópica, por ter a ver com a manifestação violenta destes sistemas que as geram”, confessa.

Jorgette Dumby, antiga estudante de medicina e ouvinte da sessão, refere que “estes assuntos envolvem todos no meio académico”. Reconhece também que “a solução pode não ser logo encontrada”, no entanto salienta a importância de “haver um lugar de diálogo que promova o respeito em oposição a formas de discutir mais violentas”.

Gaia Giuliani avança que estes encontros vão acontecer sob a forma de seminários, workshops e palestras. Centradas em várias palavras-chave, que englobam “fronteiras, interculturalidade e populismo”, em específico “a representação dos migrantes nos média e a violência a que são submetidos”, estas conversas vão estender-se ao longo do ano. O seu culminar é um ‘workshop’ internacional marcado para outubro que vai discutir “contranarrativas partilhadas por migrantes, refugiados, ativistas e artistas que trabalham este tema”.